

O CANTO DA SEREIA

J Ú L I O D I N I S  
O CANTO DA SEREIA



© 1997, Parque EXPO 98, S.A.

**O Canto da Sereia** foi extraído do livro *Serões da Província*.

**Ilustração e Design**

**Luís Filipe Cunha**

**Tiragem**

**5000 exemplares**

**Composição**

**Fotocompográfica**

**Seleccção de Cor**

**Grafiseis**

**Impressão e Acabamento**

**Printer Portuguesa**

**Depósito Legal**

**111 262/97**

**ISBN**

**972-8396-01-5**

**Lisboa, Agosto de 1997**

— Metade mulher e metade peixe! Isso pode lá ser! Está a caçar com a gente o ti' Cabaça. Ora!

— A caçar! Na minha idade não se caça, rapazes. É verdade o que lhes digo. Assim me Deus salve, como muita vez o ouvi contar a meu pai. Senhor o chame lá! Dizia ele que de seu avô o sabia. Já se vê que isto vem dos antigos.

O diálogo, cujas últimas palavras acabámos de escrever, travara-se entre um grupo de pescadores da costa do Furadouro que, deitados uns, outros sentados e em varia-

das posições na areia da praia, procuravam, fumando e conversando, aproveitar as horas de forçada ociosidade a que o estado do mar os constrangera naquele dia.

Era por uma tarde dos fins de Maio.

A abóbada celeste tingira-se dessa sinistra cor plúmbea, prenúncio de tempestades iminentes e, por um conhecido efeito de óptica, parecia abater-se cada vez mais sobre aquela extensa planície arenosa, limitada ao ocidente pelo mar e ao oriente pela longa cintura de pinheirais que protege, contra a invasão de assoladores turbilhões de areia, a populosa vila de Ovar.

As vagas inquietas e irritadas sob a influência do poderoso agente eléctrico que se condensava nos ares, e reflectindo à sua superfície encrespada a cor escura e quase metálica do céu, aumentavam o aspecto sombrio e carregado da perspectiva.

Respirava-se a custo uma atmosfera abraseada e sufocadora e, de quando em quando, levantava-se do sul um vento leve, mas quente e árido, como se viera de atravessar uma vasta região devorada pelas chamas de incêndio destruidor.

O escuro dos palheiros, ainda inabitados naquela épo-

ca do ano, e o das pequenas recoletas, onde vivem miseravelmente as mais pobres famílias de pescadores, longe de imprimirem aparências de vida e animação à feição severa e melancólica do quadro, antes parecia concorrerem para lha exagerar, talvez recordando épocas de maior movimento na praia e fazendo, pelo contraste, sentir o seu actual abandono.

As companhas não trabalhavam naquela tarde. Os arrais, estudando com os olhos experimentados a cor do céu, o rumo do vento, a forma das nuvens e a ondulação particular das vagas, prudentemente mandaram recolher as lanchas à praia. Esta não apresentava, portanto, aquele laborioso tumulto e confusa agitação que acompanha sempre o trabalho das pescarias.

Apenas algumas crianças de pernas nuas, crestadas pelo sol e pelas brisas marítimas, lutavam umas com as outras na areia ou brincavam com as ondas, ora correndo para elas, ora fugindo-lhes, mas nem sempre com a presteza necessária para no movimento do fluxo não serem alcançadas, acontecimento que era sempre saudado com estrepitosas gargalhadas e apupos. Dos pescadores, uns haviam ido saborear à vila o tempo de tréguas que lhes

concedera o mar, outros refocilavam-se na taberna da tia Salgada, a mais afamada da costa do Furadouro, com longas e preciosas libações do vinho da Bairrada que desafiava competências com os mais acreditados que se vendiam na vila; finalmente alguns mais sóbrios, dispersos em grupos na praia, conversavam tranquilamente, quando não dormiam ao som monótono das ondas e na convidativa cama de areia solta, que tão confortavelmente se lhes amoldava às formas do corpo.

O grupo, donde haviam partido as poucas palavras que pudemos ainda escutar, era um daqueles em que mais intensamente pareciam absorvidas as atenções pelo assunto que se discutia. Na posição e no gesto de quase todos os que o formavam, revelava-se uma ávida curiosidade, e o velho Cabaça, que tinha a palavra naquela ocasião, assumira certo ar de gravidade que não concorria pouco para o efeito produzido.

Era o tio Cabaça uma bela figura de velho, alentado e musculoso e de uma robustez de organização que reagia ainda, vitoriosamente, contra o peso dos anos.

Era tido em grande conta na companhia, não só pelo muito que entendia de coisas do mar, como pelo bem que

sabia contar histórias curiosas, crónicas dos tempos passados, recebidas por tradição dos seus pais e que de boa vontade transmitia aos moços, que o escutavam sempre atentos, embebidos naquelas recordações, quase todas gloriosas para a gente do mar.

Desta vez, porém, o objecto da narração parecia ter encontrado incrédulos entre o auditório, cujo cepticismo chegara a manifestar-se por aquela exclamação de dúvida, com que abrimos o primeiro capítulo desta singela e despreziosa história.

O velho protestara, como vimos, pela veracidade do facto; mas ainda assim, encontrou uma voz de incrédulo que redarguiu:

— Essa lá me custa a crer, ti' Cabaça. Eu sei que há muitas estranhas e esquisitas castas de peixes lá por esses mares de Cristo. Velho não sou eu nesta vida de pescador e, contudo, posso já dizer, sem me gabar, que tenho visto alguma coisa e que não ando nisto *de todo às cegas*. Vi já alguns peixes levantarem voo como os pássaros, outros eriçados de espinhos, que nem ouriços; já experimentei o abalo que causam as tremelgas vivas quando se lhes toca



com o pé, e até um dia me mostraram de longe o chafariz de água que fazem as baleias ao respirar, mas agora as tais sereias... na verdade... peixes que falam e que cantam como a gente!...

— Que falam e que cantam, sim, senhor, que falam e que cantam. E então que falar e que cantar! Não é lá qualquer coisa! Eu só queria que vocês ouvissem o meu pai, que Deus haja, contar o caso.

— Mas então diga-nos mais por miúdo como isso foi — exclamou do lado um jovem pescador, que se mostrava excessivamente interessado com a história e mais disposto do que o seu companheiro a acreditar na existência do fabuloso animal de que falara o velho.

O tio Cabaça sacudiu fleumaticamente a cinza do seu volumoso cachimbo, soprou ao tubo para o desimpedir, fez nova provisão de tabaco e acendeu-o — tudo isto com movimentos pausados — e, depois de expelir a primeira baforada, principiou, revestindo-se da devida gravidade, a narração que se lhe pedira.

— O caso que lhes vou contar sucedeu, pelos modos, no tempo em que meu avô era ainda rapaz. Vai por isso... Eu sei lá!?... há mais de um cento de anos bem contados.

Tinham ido certa tarde as companhas para o mar. Nos lanços da manhã a safra havia sido pequena, apesar de ter esperado que a sardinha, fugindo à trovoada que toda a semana andara pelo mar alto, viesse em abundância à costa. Mas, como tal não sucedera, tiveram de se fazer de tarde os barcos mais ao largo. Estava um tempo assim como hoje: os ares soturnos, o vento sul e o mar picado. Largaram-se as redes e seria aí pelo fim da tarde quando de novo remaram para a praia. Chega não chega, desembarca não desembarca, era já lusco-fusco. O mar começou então a levantar-se mais, sem que tivesse havido mudança de vento ou coisa que fosse motivo para isso. Os homens mais entendidos das companhas não podiam dizer o que adivinhava o mar, que assim tão do pé para a mão se fizesse ruim. Este dizia uma coisa, aquele dizia outra, tantas cabeças, tantas sentenças, e ninguém se entendia.

«No entretanto puxavam-se as redes para terra; a canalha fazia, cantando, a algazarra do costume, os homens berravam como... vocês berram ainda agora, rapazes... eis senão quando...»

Um movimento de curiosidade se manifestou na assembleia quando o velho Cabaça chegou a este tópico da

sua descrição, que ele, como profundo conhecedor da arte de impressionar os auditórios, soube fazer valer por uma pausa conveniente e uma particular e expressiva inflexão de voz.

Depois correu a vista por todos aqueles rostos, eloquentes de curiosidade e, satisfeito consigo pelos dotes oratórios de que se percebia possuidor, continuou:

— Eis senão quando, principiou-se a ouvir uma música, a modo de música de igreja.

— De instrumental, ti' Cabaça?

— Não, homem, daquela música que se toca nas igrejas do Porto.

— Já sei, é a dos realejos.

— Não é dos realejos, não; é dos *orgos*, *orgos* — emendou um outro, melhor informado sobre a matéria.

— Pois é verdade! — continuou o orador. — Começou-se a ouvir aquela música e logo todos se calaram a escutar. Pareceu-lhes depois mais uma voz de mulher que chorava e que rompia em altas queixas. Olharam em redor para ver donde partia aquilo e quanto mais olhavam mais se lhes afigurava virem do mar os tais choros e gemidos. Contudo, por mais que reparassem para as ondas, nada

podiam enxergar. Continuavam puxando as redes e continuavam a ouvir as vozes, que cada vez aumentavam mais. Havia já quem pensasse ser feitiçaria aquilo.

— Feitiçaria, sim. Bem me fio eu nisso — disse, não desmentindo o seu provado cepticismo, o mesmo pescador que pusera em dúvida a existência das sereias.

O velho Cabaça julgou do seu dever corrigir a incredulidade deste companheiro, a qual lhe ia parecendo demasiada.

— Homem, sabes que mais? Pede a Deus para que não venhas à tua custa a fiar-te em bruxedos e feitiços. Tu fazes-te muito valente, meu rapazote, mas acautela-te, porque um dia... — E operando uma rápida diversão no curso das suas ideias, o velho prosseguiu:

— Mas no meio deste «que será que não será» estavam as redes chegando à praia; o pranto ouvia-se ainda mais claro, até que enfim... viram os pescadores a coisa mais maravilhosa, que ainda apareceu na costa.

— Era a sereia? — perguntaram, a um tempo, com ansiosa curiosidade alguns impacientes, cujo ânimo lhes não deixara sofrer as delongas da narração.

O tio Cabaça continuou imperturbável.

— Viram um animal que da cinta para baixo era um peixe completo.

— Um peixe?!

— Sem tirar nem pôr, escamas, cauda, barbatanas, finalmente, tudo.

— Ah! Barbatanas também?

— Também barbatanas.

— E da cinta para cima?

— Da cinta para cima era a mulher mais bonita que se tem visto no mundo.

— Ah!

— Ora essa!

— Isso era arte do diabo!

— E então tinha cabelo e dentes e...

— Era uma mulher perfeita; não lhes estou eu a dizer?

— Vou-me por esse mundo!

— Olhem os meus pecados!

— E então falava, ti' Cabaça?

— Pois dela é que vinha a tal carpideira e os tais choros que te disse.

— Ah! Estou para morrer.

— Eu se visse tal estarrecia.

— E que dizia ela, ti' Cabaça?

— Chorava e carpia-se que metia mesmo dó. Toda a sua pena era tirarem-na do mar. O que ela pedia é que a soltassem da rede e que a deixassem voltar para a água, pois só lá é que podia viver.

— E ela falava assim como a gente, ti' Cabaça?

— Pois então? E com uma voz e duma maneira que fazia mesmo enternecer os mais empedernidos. — E o narrador, forçando a voz a um desafinado falsete, para lhe dar a mais feminil modulação de que ela era susceptível, tentou, pouco modestamente, reproduzir o timbre fascinador da sereia, dizendo, conforme a tradição que fielmente conservara:

«— Ai, soltai-me, soltai-me — dizia ela — deixai-me voltar para o mar, que, se me levais para terra, eu morrerei logo.

— Pobre rapariga!

— Pobre peixe! — emendou outro.

— E porque há-de ser peixe e não rapariga?

— O quê? O quê? Aquilo tem lá alma?

— Eu sei lá se ela tem alma?

— Que dizes tu, homem, nem que fosse gente cristã!

— Mas ela que falava...

— Isso é por artes do mafarrico.

O velho Cabaça prosseguiu, depois de terminada esta accidental discussão psicológica:

— Houve ainda assim quem quisesse tirá-la para seco, mas tais foram os seus queixumes, que o arrais, comovido, mandou soltá-la da rede.

— E era muito grande, ti' Cabaça?

— Assim como uma corvina... taluda.

— Está feito!

— Logo que se viu livre — continuou o orador — fugiu nadando, como um peixe que era, mas a cantar e com tanta aquela que nem música de anjos do céu pode ser tão linda. Era um cantar de tal casta, que toda a companhia se deixou ficar a escutá-lo, sem se lhe importar com a sardinha que já estava na areia. As cachopas da vila, que tinham vindo aos caminhos para o Carregal, não queriam saber de outra coisa que não fosse ouvir aquela voz. E assim ficaram todos postos enquanto ela se pôde ouvir e só depois se deitaram ao trabalho, ainda que com bem pouca alma.

Foi então que um pescador velho disse ser aquilo uma

sereia e que bem mal tinham feito em a deixar fugir, pois de nada sabia tão perigoso para os marinheiros como encontrá-las no mar largo ou escutá-las muito tempo.

— Então o que fazem elas, ti' Cabaça? — perguntou um dos pescadores mais jovens e que de todos parecia também o mais interessado pela narração.

— Com aqueles cantos — respondeu o interpelado — pelos modos atordoam a gente, que fica assim como com uma bebedeira. Não se faz mais coisa com coisa, não se atina com o governo do leme, nem com o das velas ou dos remos. Nestes comenos elas levantam o mar e um homem vai para os peixinhos que é mesmo uma consolação.

— E nunca mais voltou à costa essa... esse peixe? — perguntou ainda o mesmo pescador.

— Nunca mais até hoje. Ele anda sempre muito ao largo e só quando alguma trovoada forte o escorraça é que foge para as costas.

Seguiram-se vários comentários sobre a plausibilidade do caso. O tio Cabaça contara-o com tal acento de convicção, e era tão pouco dado a gracejos o velho pescador, que todo o auditório se sentiu inclinado a admitir o carácter verídico do facto extraordinário que lhe acabara de ser narrado.



Depois de muito conversar, dispersou-se finalmente o grupo, aí pelo cerrar da noite, e a taberna da tia Salgada viu aumentar o número dos hóspedes e o das bocas que faziam justiça, por palavras e obras, às excelências do seu Bairrada.

Na praia apenas ficaram dois homens.

Um era o tio Cabaça, que, sentado, com as mãos entrelaçadas por diante dos joelhos e o cachimbo pendente dos lábios crestados, olhava para as ondas que se sucediam na areia e parecia absorvido em profunda meditação.

Este hábito de cismar gera-o a continuada contemplação das cenas marítimas.

O homem que vive e envelhece a escutar aquela música das ondas, que do alvorecer ao crepúsculo é embalado por elas, o que alternadamente as conheceu afáveis e irritadas, que delas recebeu carícias e ameaças e as viu ora suavemente iluminadas pelo luar, ora reflectindo a luz sinistra dos relâmpagos, surpreende-se muitas vezes nestas silenciosas e inexprimíveis divagações do espírito, tão frequentes nos poetas.

Em todos os portos de mar se encontram, ao fim da

tarde, desses velhos cismadores que, aparentemente atentos nas formas em que se condensa no ar o fumo do seu cachimbo, trazem por bem longe o pensamento, talvez que a colher saudades nas recordações daquele viver incerto de marinheiro, para cujas laboriosas peripécias os anos os invalidaram já.

O velho Cabaça principiava a pensar nessa época próxima, na qual lhe havia de fraquejar o braço que ainda movia vigorosamente o remo; nesses longos dias, em que, preso à terra, se veria obrigado a ocupar-se num trabalho de mulheres, reparando as redes da companhia.

Aquele futuro tranquilo, reservado à sua velhice, entristecia-o, como, nos tempos de bríos cavalheirosos, desanimava o guerreiro a ideia duma morte que não fosse no meio da refrega e disputada até ao último suspiro com feitos de arrojada bravura.

Por isso o tio Cabaça tinha frequentes momentos de melancolia.

O outro homem era o pescador moço, a quem tanto interessara a história da sereia, contada pelo primeiro, havia pouco, e que, desde que a ouvira, parecia haver ficado sob o domínio duma profunda impressão.

A alta estatura deste jovem pescador, as suas formas bem desenvolvidas e a fisionomia expressiva de inteligência e vivacidade, davam-lhe um certo ar de nobreza e resolução que fazia lembrar aquele célebre herói napolitano, o ousado e patriótico Mazaniello.

As amplas e pitorescas vestes de pescador deixavam sobressair todas as vantagens da sua vigorosa e excelente corporatura.

Era uma organização cheia de vida e de robustez, a daquele moço, em cujo rosto trigueiro e imberbe se desenhavam neste momento os sinais evidentes, ainda que desvanecidos, duma certa preocupação de espírito.

Por baixo do clássico gorro de lã escarlata saíam-lhe profusos os cabelos, que lhe vinham quase poisar nos ombros. Com os braços cruzados e a fronte pendida, este homem passeava silencioso no extremo da praia, tão próximo das ondas, que estas, nos maiores fluxos, chegavam a alcançá-lo sem que mesmo assim conseguissem distraí-lo daquela abstracção em que parecia concentrado.

Este pescador que com o velho Cabaça ficou na praia, o Pedro do Ramires, andava, de há tempo, apreensivo e taciturno. Possuía instintos de poeta, o malfadado.

Foram esses instintos que o impeliam para aquela irresistível tendência à solidão, os que lhe faziam perceber, no som plangente das vagas, modulações, para as quais os seus companheiros não tinham sentidos organizados, que por muito tempo o conservavam imóvel, a seguir com a vista aquelas ondas espumosas que se desfaziam na areia, as formas extravagantes das nuvens, os contrastes surpreendentes da luz que as atravessa ou se reflecte nelas, colorindo-as com inimitável paleta, a curva descrita na amplidão pela ave aquática de voo rápido, e até o estalar do trovão e o fuzilar dos relâmpagos em noites de tempestade.

Pedro sentia, e por infelicidade sua, sentia com excesso. Este mundo, evidentemente, não foi feito para quem sente assim! Aceitava, porém, as impressões que recebia sem se lembrar de as discutir; aceitava-as como um quase fatalismo, que nem lhe deixava pensar na possibilidade de se subtrair a elas.

Via que por toda a parte o acompanhava uma como atmosfera de inebriantes aspirações e recebia a influência balsâmica desse ambiente sem se interrogar sobre a natureza dele.

Sentia, sem a conhecer, a poesia da natureza, a que se revela em cores, em sons e em perfumes e que desperta a poesia do sentimento em almas organizadas para esses sublimes acordes. Era um poeta sem ter a consciência de o ser, sem ter sequer a consciência da poesia.

Quando esta espécie de encarnação dum segundo verbo, mistério original dos entes privilegiados que se dizem poetas, se opera em espíritos que a educação não vem cultivar depois, surgem caracteres, como o de Pedro, nos quais se passam os mais estranhos e admiráveis fenómenos que pode oferecer ao estudo a natureza humana.

É uma luta contínua, um antagonismo inútil, um combater desesperado de aspirações que se estorcem impotentes sob a cadeia que lhes sopeia os esforços. Algemados Prometeus que têm por principal suplício os irrealizáveis anelos do seu próprio génio! Tântalos, sequiosos dum ignoto licor, que adivinham, sem o conhecer, como o alívio único à ansiedade que os martiriza!

— Mas em que andavas tu a cismar agora que nem sequer me vias, de tão perto que estavas?

— Diga-me, ti' Cabaça, sempre será verdade que existem sereias?

O interrogado, recebendo à queima-roupa a interpelação, vacilou um bocado; assumiu, porém, em breve, todo o seu sangue-frio e respondeu:

— Conquanto eu as não visse, nem ouvisse nunca — e nem disso me resta pena — creio que as há, pelo que já disse do que muita vez ouvi contar a meu pai — o Senhor o chame a si.

— E é certo que esses peixes ou essas mulheres, que não sei ao certo como lhes chame, cantam às maravilhas?

— Assim o dizem. Pelos modos é com esses cantares que elas perdem os navegantes no alto mar. Poucos são os que têm força para as não seguir, só para escutar-lhes aquela música de anjos.

Pedro ficou novamente silencioso e pensativo. O velho pescador respeitou por algum tempo aquele silêncio, mas enfim dirigiu ao seu companheiro uma súbita interrogação.

— Mas para que diabo queres tu saber isso, rapaz?

— É porque... — Pedro ia a responder, mas outra vez hesitou.

— Porque é? Fala!

— Olhe, ti' Cabaça. Vou dizer-lhe uma coisa; mas não

se ponha a rir de mim, que juro-lhe, por minha mãe, ser verdade tudo quanto me ouvir.

— Fala lá, rapaz — respondeu o tio Cabaça, que tomou logo um ar sisudo e grave, ao ouvir a invocação a que recorreu Pedro e já deveras interessado pela comunicação que ia receber — Fala, que eu te escuto.

— É que eu... ouvi já cantar uma sereia, ti' Cabaça — disse Pedro em tom misterioso e interrogando ao mesmo tempo a fisionomia do velho, a ver o género de impressão que esta nova produzira nele.

— Ouviste cantar uma sereia! — disse João Cabaça deveras surpreendido. — Quando?

— Há algumas noite a fio que a escuto.

— Onde?

— Aqui, da praia. É uma música de anjos que vem das ondas. Uma música como ainda a não ouvi em parte alguma. Não é alegre e divertida, como a das festas e arraiais; nem séria e de devoção, como a que cantam as mulheres na vila à missa-do-dia, ao consagrar da hóstia e do cálix; mas é uma música triste, saudosa, uma música que me faz chorar. A voz que canta parece de mulher, mas, ao ouvi-la, até chego a esquecer-me do lugar em que estou. Sa-

be? A praia, o mar, as estrelas, o céu, tudo desaparece diante de mim. Parece-me que então só sei viver para ouvir aquela voz no meio do barulho das ondas, que não consegue abafá-la. Procuo, apesar da escuridão da noite, descobrir a mulher, se é mulher, eu sei? a fada, talvez o anjo, que canta assim, mas nada pude ainda ver. Sinto em mim uma coisa que não sei bem dizer o que é. Queria seguir aquela voz. Tenho sentido desejos de me deitar às ondas para ouvir de mais perto aquele cantar divino. É quase uma tentação tão forte que lhe tenho resistido a custo e não sei se alguma vez...

O velho pescador segurou com ímpeto no braço de Pedro, como se naquele momento o visse já próximo a seguir a voz que perfidamente o atraía.

— Que te livre Deus de tal, rapaz! — exclamou João Cabaça. — Não te disse eu que corre à sua perdição quem se deixar levar por esse canto que parece de anjos, mas que é antes de demónios?

Pedro prosseguiu:

— Eu perguntava há muito a mim mesmo que mistério seria aquele. Ao princípio julguei que fosse um engano dos meus ouvidos. Os ventos da noite e o barulho das on-



das soam às vezes de maneira que semelham uma música a distância, mas era diferente o que eu ouvia: os pássaros do mar, gemendo às noites pelas praias, imitam também queixumes e gemidos, mas eu que nasci e tenho vivido a escutá-los bem lhes sei distinguir o canto; se o tempo é sossegado e o vento favorável, o cantar dos marinheiros de algumas embarcações que pairam ao largo chega-nos aos ouvidos confuso e quase sumido; mas a música que eu escutava não era para se confundir com aquela. Era de mulher a voz, mas o estilo do cantar não era o da nossa terra. Nunca até então o tinha eu escutado, não sei até se em alguma parte do mundo se canta assim. Quando há pouco lhe ouvi a história da sereia, foi como se uma luz me alumiasse na escuridão em que estava. É aquele, deve ser aquele o canto de que falavam os antigos pescadores. Nem eu sei que outro possa haver mais para nos confundir e perder. Bem vejo que pode ser perigosa para os marinheiros, porque, digo-lhe uma coisa, se aquela voz cantasse do fundo de um abismo, parece-me que poucos se venceriam para, levados por ela, se não precipitarem.

A praia estava, enfim, completamente deserta.

O vento tinha virado a oeste. Nuvens cada vez mais

negras e grandes como montanhas, levantavam-se do ocidente, semelhantes a informes monstros marinhos, surgindo do seio das águas. Bandos de aves aquáticas ora baixavam o voo ligeiro até roçarem com as asas pela superfície das ondas, ora se erguiam a perderem-se de vista no espaço nebuloso, onde por algum tempo volteavam em curvas complicadas; depois soltando gritos agudos e lastimosos, desciam de novo em parábolas de extensa curvatura, para colherem do oceano a presa que com o olhar penetrante haviam descoberto da altura em que se libravam.

Por toda aquela imensa amplidão de água nem uma vela, nem um pequeno barco sequer; na longa planície de areia que forma esta povoação da costa, eram os palheiros escuros e fechados, as lanchas em seco ou alguma embarcação, ainda de menor lote, a única diversão que encontrava a vista cansada da monotonia da perspectiva.

Haviam chegado as horas talhadas para o descanso e os pescadores, que tinham com o sono antigas dívidas a solver, encerravam-se nas acanhadas recoletas, onde quase miraculosamente se albergam numerosas famílias desta pobre gente e, dentro em pouco, estavam experimentando quanto é fácil a um espírito tranquilo e a um corpo fa-

tigado encontrarem as restauradoras delícias do sono, ainda que em camas bem pouco de apetecer.

A Pedro do Ramires, porém, sobrava-lhe imaginação para o não deixar, tão facilmente como os seus companheiros, saborear este prazer. As horas da noite eram as suas predilectas, eram as suas horas de vida. Então podia ele, sem despertar estranhezas, ficar imóvel a olhar para as ondas, essas suas companheiras inseparáveis, com as quais brincara tantas vezes em criança e que pareciam conservar ainda para ele uma linguagem misteriosa, corresponder-lhe, saudá-lo como a um antigo conhecimento.

Aquele carácter, essencialmente contemplativo, sentia-se livre e desafogado então. Não havia ninguém a espiar-lhe no semblante o refluxo dos encontrados pensamentos que de contínuo o assaltavam; ninguém a perguntar-lhe a causa, por ele mesmo talvez ignorada, dum sorriso instantâneo, duma melancolia mais duradoura, e às vezes até duma lágrima, em que a sua tristeza habitual parecia de quando em quando condensar-se, raras crises que por momentos lhe desanuviavam o espírito visionário.

Por isso caminhava longas horas pensativo pelo ermo da costa.

Parecia procurar acalmar, por esta forma, a vaga inquietação que sentia em si. Como se aquela ânsia que o devorava fora a necessidade de movimento!

Pobre alma! Iludia-se na sua ignorância. A actividade a que tendiam as suas aspirações não era aquela; não se realiza assim. O movimento dos affectos, as lutas da intelligência, o estímulo da glória, os gozos da vida do espirito, tudo isso ela procurava, mas, cega, andava tacteando um caminho bem longe do que a devia conduzir ali. Como não teria de succumbir no empenho! Como não cairia exausta de forças, e abatida pelo desalento? Que vale ao febricitante a incoerente convulsão em que se revolve no leito? Mitigam-lhe, acaso, esses movimentos o angustioso escaldar do fogo que lhe circula nas veias? No mesmo caso estava Pedro ao procurar satisfazer os seus indecifráveis anelos, correndo pela beira-mar, às vezes possuído de uma verdadeira alucinação.

Esta noite, em que tivera lugar o diálogo entre ele e o velho João Cabaça, foi uma daquelas em que Pedro do Ramires prolongou até horas adiantadas o seu passeio habitual, seguindo para o sul da costa.

Absorvido em seus pensamentos, caminhou insensivel-

mente a passos rápidos e desiguais, até deixar a uma grande distância os palheiros da povoação do Furadouro.

Por este tempo já a escuridade da noite era completa, antecipada, como fora, pelos cúmulos de nuvens que, partindo do ocidente, se tinham, em pouco, espalhado por toda a abóbada celeste.

O jovem pescador parou enfim; parou e pôs-se a olhar vagamente para o mar, como se, de mistura com o clamor das ondas, esperasse receber alguma voz que lhe fosse destinada.

Depois quase se deixou cair na areia da praia e, pou-sando a cabeça nas mãos encruzadas, deitou-se e fitou os olhos nas nuvens, como se nas formas irregulares que elas desenhavam no espaço estivesse lendo uma página misteriosa escrita em caracteres desconhecidos.

E assim se conservou durante horas, não o inquietando a violência do vento húmido que lhe açoutava as faces, os gritos roucos e angustiados de alguma ave que fugia à borrasca iminente, nem o rumor surdo que já se escutava de quando em quando, eco ameaçador de tempestades longínquas.

Mas, de súbito, estremeceu, levantou sobressaltado a

cabeça e, recostando-se ao braço, trémulo de inquietação, dirigiu a vista para aquele espaço tenebroso que se estendia diante dele, como pretendendo devassar na obscuridade da noite o que quer que fosse que tão repentinamente o arrancara da imóvel contemplação em que se conservava havia tanto.

A noite foi, porém, discreta; não ergueu uma só ponta do seu manto para revelar o mistério. Pedro continuava na mesma posição tão expressiva de ávida curiosidade que de repente tomara.

Pouco a pouco as notas maviosas de um cantar distante chegaram, como um eco ainda mal apreciável, aos ouvidos atentos do pescador.

Escutando-o, ele erguia-se fremente e agitado sobre os joelhos e, de mãos postas e a cabeça inclinada na direcção donde lhe chegava esta voz, conservava-se imóvel e em profundo recolhimento, como um eleito do Senhor recebendo em êxtase a inspiração divina. Aquele som contrastava, na sua melodia e suavidade, com o bramir discorde das vagas, que batiam violentas na praia.

Dir-se-ia o canto dalgumas dessas fadas que, segundo

as crenças populares, atravessam extensas regiões marítimas em fantástica viagem e sob um fatal encantamento.

Pedro escutava embevecido aquela música cuja toada lhe era estranha e dum estilo inteiramente diverso do das canções populares, únicas que até então ele tinha conhecido.

Falava-lhe por isso poderosamente à imaginação esse canto, cujas palavras a distância lhe não permitia ainda perceber.

A invisível cantora parecia aproximar-se; percebiam-se agora melhor as modulações sonorosíssimas daquela voz potente e argentina que conseguia dominar o ruído das vagas e que se estendia ao longe pela praia, como à procura dum eco que a repercutisse.

Agora já a letra da canção podia ser percebida. Mas, se o estilo pouco vulgar daquela música causara já estranheza e influíra poderosamente no ânimo agora excitado do moço pescador, a linguagem desconhecida de que era acompanhada não lhe produzia menor impressão. Ignorava o que dizia, mas achava-lhe qualidades musicais que o enlevavam ao escutá-la. Era uma linguagem cujas palavras

pareciam ter um sentido universalmente apreciado, em tão perfeita e inexplicável concordância pareciam estar com as ideias e sentimentos que exprimiam.

De repente pareceu-lhe distinguir um ruído, como o do bater de remos na água e, com a vista excitada de pescador, julgou reconhecer, não obstante o tenebroso da noite, uma forma negra movendo-se no cimo das ondas, erguendo-se, abaixando-se, desaparecendo para tornar a surgir e a elevar-se e como demandando a praia com esforços porfiados!

Pedro fitou aquele objecto com ansiedade. Nas formas mal distintas, nos movimentos, no som particular que produzia ao caminhar, dividindo as águas, parecia-lhe um destes pequenos barcos que os pescadores chamam chinchorro, frágeis esquifes em que esta intrépida gente do mar tantas vezes arrosta, a esforços de poucos braços, com a violência das ondas.

Impelido pela força do vento e pelo esforço dos remos, este barco cada vez se aproximava mais da praia. Pedro não sabia ainda se era dele que partira o canto que havia seis noites o trazia enlevado pela solidão da costa



marítima e que, depois da história narrada pelo tio João Cabaça, muito seriamente atribuía já à soberba e artificiosa filha das ondas, de que se julgava vítima.

À medida, porém, que ele se avizinhava, pôde perceber o som de várias vozes de timbre diverso empenhadas num diálogo animado; e, cedo, a pouca distância a que já vogava da costa tornou distintas as seguintes palavras:

— Eu bem disse à *Madama* que era perigoso o passeio numa noite destas. O mar não é o rio, e...

Isto dizia uma voz rouca e áspera, à qual outra de timbre melodioso e vibrante, e que evidentemente pertencia à pessoa a quem fora dirigida a insinuação, respondeu:

— Acaso me competirá a mim dar ânimo a homens que, desde criança, vivem no mar? Que vergonha! — E riu-se. Estas palavras foram ditas com uma certa inflexão, que denunciava a origem estrangeira da que as pronunciara.

Pedro reconheceu nesta voz a da cantora desconhecida e o coração sobressaltava-se-lhe a escutá-la.

A voz rouca respondeu à arguição que a outra lhe fizera:

— Não, *Madama*, não somos nós que temos medo do

mar e tanto que não pusemos pecha em a trazermos aqui. Mas por um divertimento, brincar assim com as ondas; escolher uma noite escura, fria e ventosa para vir cantar desta forma ao ar livre, quando estão aí à porta tantas de luar claro, como o dia! A falar a verdade...

Uma risada jovial respondeu à observação e a mesma voz feminina replicou:

— Parece-lhes tudo isto uma loucura, não é assim? Pobres homens! E talvez tenham razão. Mas eu quero satisfazer as minhas loucuras todas. Sinto nisto um prazer!... Mas não se inquietem. Eu conheço alguma coisa o mar e sei ler na direcção do vento e no aspecto das nuvens as mudanças prováveis do tempo. Estudei as tempestades da minha terra. Nasci como vós à beira-mar. Meus pais eram pescadores também. O berço que me embalou nos meus primeiros sonos foi o barco em que toda a minha família se transportava; a rede a cobertura única em que muita vez me envolveram para dormir. Aprendi assim, de pequena, esta música das ondas, de pequena me costumei a cantar com elas. Depois que a sorte me impeliu nesta vida artística, errante e aventureira que tenho seguido, não esqueci nunca as predilecções dos meus primeiros anos. Sou co-

mo as aves aquáticas; ando sempre junto às costas marítimas. A escola em que aprendi foi a escola do mar; não me quero longe deste mestre inspirado que me ensinou a arte sublime da música. Parece-me que lhe sei já compreender os segredos todos; cada praia revela-me um novo mistério de arte. As ondas do Adriático, o mar da minha terra, não cantam como as outras. O mar é como o povo. Em cada país tem a música popular um génio próprio, uma índole especial. Assim também o mar. Tenho escutado as ondas de quase todas as praias da Europa. O mar Negro, o Mediterrâneo, o Báltico, a Mancha, o Atlântico, todos têm uma modulação sua e que me parece já saber distinguir. Nuns é mais majestosa e terrível a música das tempestades; outros têm mais suaves harmonias nas noites sossegadas de calma. Já vêm que eu e o mar somos antigos companheiros. Ele entende-me e eu também o compreendo. Sosseguem, pois; eu não me iludo com a sua agitação desta noite. Bem cedo o veremos tranquilo.

Os pescadores não responderam. Estranhas lhe deviam parecer estas palavras, incompreensíveis até. A mulher que as pronunciara num tom de voz em que se revelava

toda a exaltação dum carácter entusiasta e ardente, falava mais a si própria do que às rudes inteligências dos seus companheiros, nesta extraordinária excursão marítima.

Pedro escutava, porém, aquelas palavras, com um entusiasmo de artista apaixonado e como que se lhe comunicava o fogo oculto da imaginação que as ditava. Sobressaltavam-no, como se lhe oferecessem a inesperada solução de um enigma em que, muito havia, lidava a sua inteligência. É que o mar também lhe falava. Ele pressentia-lhe uma linguagem que procurava adivinhar. Longas horas passava nas praias a escutar aquele rumor melancólico e solene e perguntava às vezes a si próprio o que o retinha ali. As palavras da cantora pareciam ter sido a resposta aguardada, há muito, àquela tácita interrogação da sua consciência.

Havia, pois, mais alguém que, como ele, escutava as ondas e se deliciava com a sua harmonia?

Passado algum tempo, a noite, como se quisesse confirmar o prognóstico da desconhecida, principiou a serenar um pouco mais, abrandou a violência da ventania e as ondas vinham já quebrar-se com menos força nas areias da praia.

— Vejamos — disse a cantora —, que lhes dizia eu, homens sem confiança no mar? Aí temos o vento sul par nos ajudar na volta. A que distância estamos de Espinho?

— A légua e meia, *Madama*; ali mais adiante estão os palheiros do Furadouro.

— Voltemos. Não lhes disse eu que era desnecessário aproximarmo-nos tanto da costa? Ao largo! Ao largo!

Os pescadores obedeceram-lhe, o barco sulcou as ondas afastando-se da praia, o rumor das vozes tornou-se cada vez menos distinto, mais confusa a forma escura do barco, até que enfim tudo se confundiu na escuridão da noite e no rumor monótono das vagas, já menos impetuosas.

Pedro ainda por muito tempo interrogou aquelas trevas e aquele ruído confuso do mar...

Era uma formosíssima noite de luar, aquela!

A alvacentá nebrina que se condensara na atmosfera aumentava o aspecto teatral da cena, difundindo em toda ela um certo colorido vaporoso de surpreendente efeito artístico.

As vagas onde a luz se quebrava em multiplicados e cintilantes reflexos estendiam-se languidamente pela praia, com um brando murmúrio. Das pequenas cataratas que, ao dobrarem-se sobre si, produziam as ondas levantava-se um orvalho denso que retratava a luz num íris desvanecido. Alvejavam ao longo da costa flocos de espuma que, num lento refluxo, desciam de novo às águas, até que outra vaga os impelia mais longe.

Tudo era solidão! No mar, na praia e no céu! O mar sem um barco, a praia sem uma habitação, o céu sem uma estrela! E a Lua, como uma lâmpada mortiça pendente da vasta abóbada dum templo deserto, alumiaava esta majestosa e imponente solidão!

Pedro caminhava rápido por este vasto areal da praia e nem sentia o seu isolamento, que povoada levava a fantasia por mil imagens e pensamentos encontrados.

Era noite avançada quando chegou à vista dos palheiros de Espinho.

Palpitava-lhe de ansiedade o coração ao aproximar-se daquele lugar.

Aquelas sombras escuras em que se destacavam no horizonte, tingido de um azul-pálido pelos reflexos do luar,

os palheiros desta parte do litoral envolviam uma mulher que, sem o suspeitar, se transformara em objecto dum culto fervoroso para um mancebo em cujo coração virgem pela primeira vez se ateara a chama ardente de uma paixão definida.

Pela primeira vez Pedro afrouxou a velocidade dos seus passos e parou levando a mão ao coração como para lhe sentir as palpitações agitadas e irregulares.

Dominando esta comoção momentânea, prosseguiu, porém, na sua marcha e penetrou no centro da povoação. Estava quase deserta àquela hora. Pedro correu, como em delírio, todas aquelas estreitas e tortuosas ruas de areia, que seguiam por entre os palheiros, e parou em toda a parte onde imaginava encontrar aquela que tão ansiosamente procurava.

Em cada sombra que se destacava no vão esclarecido duma janela, supunha ver o perfil da mulher a quem consagrara todos os afectos do coração, todos os seus pensamentos e aspirações.

Cansou-o esta inútil pesquisa, desalentou-o este balda-do procurar, e quase se deixou cair, extenuado de forças e de esperanças, junto à porta de um pequeno palheiro

situado no extremo oposto da povoação. Assim permaneceu alguns minutos sem consciência do que se passava em torno de si, pensando no destino da sua paixão insensata e absorvido por amargas ideias de que tantas vezes se lhe alimentava a imaginação.

Pouco a pouco principiou a despertar-lhe a atenção, até ali poderosamente distraída, um rumor de vozes que vinham do interior do palheiro à porta do qual se encostara. Uma das que falava não lhe era desconhecida e esta circunstância operou uma salutar diversão naquele preocupado pensamento, afugentando-lhe por instantes o tropel de ideias negras que o assombravam.

Aplicando o ouvido à porta detrás da qual lhe chegava aquele sussurro, Pedro pôs-se a escutar, com mal reprimida curiosidade, o que se dizia lá dentro.

— Sabes que a *Madama* nos tomou outra vez o barco para todo o resto da semana? — dizia uma das vozes.

— Outra vez?! Julguei que desde aquela noite de ventania lhe passara o gosto por estes passeios.

— Em quanto a mim aquilo é mania. Pois não vêes tu como ela não aproveitou as belas noites que têm estado e agora diz que quer o barco, quer chuva, quer vente?...



— Estas estrangeiras têm destas coisas. Ela, pelos modos, é alguma princesa; paga que nem uma rainha.

— O sor Morgado que aqui esteve a banhos o ano passado disse no outro dia que a conhece do Porto. É uma fidalga estrangeira que anda a viajar.

— Há gente que vem a este mundo só para passar vida de rosas.

— E aborrecem-se dele. É ver como ela acha gosto naquilo que nos dá pena a nós outros. Deu-lhe para cantar no mar!

— E olha que lá isso!... Sempre canta que é um gosto ouvi-la.

— Mas para que lhe havia de dar! Cantar no mar! A falar a verdade... Aquilo nem sei o que parece!

— Deixa lá, homem. Para nós tem sido uma providência; às más pescas que tem havido, de muito nos têm valido os tais passeios da *Madama*.

— Mas também caro pagamos esses lucros, que quando ela empreende demorar-se por lá, nem que a levássemos a Lisboa a satisfaríamos.

— E então não há mar que a intimide. Uma mulher tão animosa ainda estou para ver.

— Sempre é estrangeira! Será ela cristã?

— Ih! Não vês como fala tanto na Virgem? E as esmolas que dá! Não, isso, boa senhora é ela. Verdade, verdade.

— Isso é. Tirante lá aquela veneta!...

— Quem tem dinheiro nem sabe em que o há-de gastar.

— Quanto tempo se conservará ela ainda aqui na praia?

— Disse-me que até ao fim da semana. Depois vai para o Porto.

— Nem eu sei como se tem demorado tanto, agora que não é tempo de banhos, e tudo isto está deserto.

Pedro escutava, com indescritível avidez, este diálogo dos pescadores; esforçava-se por não perder uma só das particularidades referidas nele, relativas à desconhecida viajante.

Nas disposições de espírito em que o apaixonado moço estava naquele momento, o nome só da pessoa que assim nos traz, como os dele, avassalados os pensamentos, não é escutado sem uma extrema e agradável comoção.

Recolhia, como revelações preciosas, tudo quanto diziam os pescadores e ardia em desejos de lhes dirigir milhares de interrogações a respeito da mulher que eles tinham a ventura de transportar no seu barco às horas so-

lenes da noite e pela majestosa solidão do mar. Porque preço não pagaria ele esse invejado prazer!

Desta quase extática contemplação foi finalmente arrebatado pelas vozes dum piano que partiam do palheiro próximo. Pedro estremeceu, escutando os prelúdios que uma mão exercitada extraía das teclas sonoras.

Poucas vezes, se algumas, Pedro tinha ouvido um piano. Aqueles sons encantavam-no, estimulavam-lhe os vivíssimos instintos musicais que possuía, ignorando-os, essa alma nobre de artista, criada para grandes concepções, que o destino impossibilitava de realizar, condenando-a totalmente a sucumbir de contínuo nos esforços a que, por instinto, obedecia desconhecendo sempre o alvo em que eles se convergiam.

Depois teve um pressentimento de que a mão que despertava do silêncio da noite aquela suave harmonia era a da mulher que ele procurara.

Que febril agitação então a sua! Era uma quase vertigem o que ele experimentava!

— Ela aí principiou a cantar. E então é como os rouxinóis... Canta só de noite — disse um dos pescadores cujo diálogo Pedro estivera escutando.

Então a mesma voz, que tantas vezes o apaixonado moço escutara na praia, e que por muito tempo julgara um mistério do mar, principiou cantando, acompanhada, desta vez, pelos acordes sonoros do piano, que mais a fazia sobressair.

Agora o estilo da música era suave e melancólico; era a *canção da rosa*, a ária formosíssima da qual Flotow fez o motivo de toda a sua ópera, a *Marta*, e que raros têm o poder de escutar sem que se sintam possuídos duma profunda comoção e com disposições para lágrimas.

A artista cantava-a na letra italiana da ópera, cuja tradução é, aproximadamente, a seguinte:

*Aqui, só, virgínea rosa*

*Como podes florescer!*

*Inda em botão desditosa,*

*E já próxima a morrer!*

*Em vez do orvalho da vida*

*Cresta-te a neve e o tufão,*

*E já sobre a haste pendida*

*Inclinas a fronte ao chão!*

Escutando aquela música elegíaca e sentida, Pedro experimentou uma comoção ainda mais profunda que das outras vezes; não compreendendo a letra italiana do canto, tal era a expressão da cantora e a eloquência da música que ele ouvia-a com intenso recolhimento, como se escutasse a voz do seu próprio coração. Esquecia-se de tudo, como nos esquecemos, levados pela corrente dos nossos pensamentos, a escutar a nossa própria consciência.

Quando as últimas notas deste canto magoado se desvaneceram, confundindo-se com o murmúrio do mar, Pedro, voltando a si do êxtase em que esta música o arrebatara, sentiu que as lágrimas lhe banhavam as faces.

— Que é isto, meu Deus? — exclamou o pobre adolescente com um acento de desespero. — Porque me faz chorar esta música? Porque me sinto entristecer sempre que a ouço cantar, a esta mulher que não conheço, que nem sequer ainda a vi? Que homem sou eu, tão singular! Jesus, Jesus! Será isto uma loucura?

Tudo na praia recaíra em profundo silêncio. Pedro, com os olhos postos na janela obscura, conservava-se imóvel, como se temesse desvanecer uma visão deliciosa ou quisesse recolher as últimas e imperceptíveis vibrações

sonoras que um sentido superiormente organizado lhe permitia ainda apreciar.

Principiava a tingir-se o horizonte dos rubores da madrugada e Pedro em vão se esforçava por se arrancar dali. Prendia-o uma esperança; a de entrever, por instantes que fosse, a mulher por quem concebera tão violenta paixão; instava com ele, para partir, aquela espécie de pudor do coração, com que de todas as vistas procuramos esconder os menores vestígios dum primeiro amor, tanto mais ardentemente quanto maior é a sua candura e quanto mais digno ele é da nobreza de sentimentos próprios da juventude.

Era já manhã alta quando Pedro voltou ao Furadouro.

Notaram a sua falta na companhia, que à hora do costume se fizera ao mar e, segundo a lei, foi multado na parte do quinhão que lhe tocava.

Na noite desse dia reproduziu-se para Pedro a aparição do mar.

Foi pela altura dos palheiros, então ainda desertos, de Maceda e Cortegaça, que ele a veio encontrar.

A noite estava tranquila, o mar sereno. A claridade da Lua, apenas velada por um transparente cendal de tenuíssima nebrina, permitiu distinguir o vulto da cantora que, recostada à proa, entoava uma música cheia de entusiasmo e energia, uma espécie de hino patriótico, a cujas palavras ela sabia comunicar todo o fervor do seu ânimo exaltado. Ainda desta vez foi contagioso para o impressionável moço o sentimento que em todo aquele canto se reflectia.

Assim como na véspera a melancolia do canto lhe havia feito assomar aos olhos lágrimas incompreensíveis, agora a energia, o ardor com que as palavras *pátria* e *liberdade* eram pronunciadas pela cantora, comunicaram-se ao enlevado mancebo, que experimentava um desses voluptuosos estremecimentos e sensações indefiníveis que ressentimos nos movimentos de entusiasmo, e nos transformam, e nos sublimam, elevando-nos acima de nós mesmos e fazendo-nos capazes de superiores concepções e empenhos.

Ele caminhava na praia como atraído por aquela harmonia sedutora. Ela fugia-lhe já. O barco movia-se em direcção ao norte. Pedro seguia-o, seguia-o com uma velo-

cidade que só lhe podia vir da alucinação que o dominava. Já mal se percebia o canto, já quase se tornara indistinto o barco donde aquela música partia, e Pedro, com o olhar fixo naquele ponto e com os ouvidos atentos à desvanecida harmonia, caminhava ainda, e caminhou sempre, até que um súbito obstáculo lhe tolheu os passos.

Estava defronte da Barrinha.

Quem viajasse há anos por esta parte da Província da Beira deve conhecer, por tradição, senão por experiência, o ponto do litoral que recebeu este onde tantos episódios, uns cómicos e outros trágicos, se sucederam, antes que se construísse a ponte que hoje o viajante, ao percorrer a linha férrea, próximo à estação de Esmoriz, descobre desenhando os seus quatro arcos sobre o fundo esverdeado das águas do oceano.

A Barrinha é uma estreita abertura cavada pelo mar na costa de areia, interrompida neste ponto, e por a qual ele se precipita, vaga a vaga, em um pequeno golfo que se estende para o norte e para o sul, separando dois extensos cabos de areia fronteiros um ao outro. Nas marés brandas, e quando o mar é pouco agitado, esta abertura é vadeável e os viandantes, aproveitando o refluxo, quase a



pé enxuto a atravessam, tão incólumes como Moisés atravessou as ondas do mar Vermelho; mas uma hesitação, uma demora pode ser-lhe fatal; se a vaga volta com um pouco mais de violência, envolve o incauto e não poucas vezes o arrasta consigo.

Nas marés vivas, porém, e quando as correntes marítimas são mais fortes, a passagem torna-se impossível, a não ser nos barcos que estacionam no pequeno golfo, e cujas águas nem sempre são plácidas, recebendo a agitação que o oceano, em completa comunicação com elas, lhes transmite.

Ora nesta noite era a Barrinha intransitável; ainda então não existia a ponte que hoje permite fácil passagem em toda a ocasião, e o mar era abundante.

E, contudo, Pedro hesitou ainda, como se tentasse lutar com a natureza no obstáculo que ela lhe oferecia. Mas o canto cessara de todo, a vista já não distinguia no mar o menor vestígio do barco; o alento que animara até ali o pobre vagabundo abandonou-o todo à languidez da sua definhada saúde.

Em algumas das noites sucessivas, tranquilas como esta, voltaram de novo o barco e a cantora. Pedro procu-

rou-os com o mesmo fervor, escutou-a com o mesmo recolhimento, viu-a afastar-se com a mesma ou mais intensa saudade.

E o pobre pescador abatia-se a olhos vistos.

João Cabaça vivia taciturno e oprimido, preso às suas crenças e preconceitos, sentindo o estado de Pedro, a quem de cada vez mais se sentia afeiçoado.

Na opinião do velho, opinião que ele não revelava para não excitar terrores ou causar maiores desgraças, era evidente ser tudo aquilo malefícios da sereia. Ao que já soubera pela comunicação que lhe tinha feito Pedro, acresceu uma nova circunstância, que muito influiu para corroborar esta crença no ânimo do velho pescador.

É que ele também a ouvira, também em uma das últimas noites lhe escutara o canto e não lhe ficou dúvida que era de sereia, pois nunca tinha ouvido mulher cantar assim e muito mais no mar e por tais horas da noite.

O velho tinha sido obrigado a ir a Espinho e, ao voltar, aí próximo da capela da *Senhora Aparecida*, principiou a ouvir aquele canto que o sobressaltou; aplicou o ouvido e percebeu-o mais distante. O velho ficou aterrado! Quanto mais involuntariamente o deleitava aquela

música, tanto maior vulto tomavam as suas apreensões. Considerava-se já perdido, mas teve uma inspiração salvadora: correu para a pequena ermida, que lhe estava próxima, e, ajoelhando-se na entrada, pôs o pensamento na Virgem e serviu-se do expediente que, segundo a fábula, tinha utilizado um companheiro de Ulisses em uma situação idêntica. A prática surtiu efeito. Quando o velho destapou os ouvidos, já não se percebia o canto; tinha, pois, esconjurado o malefício.

Prosseguiu no seu caminho, mas sempre inquieto.

Nessa noite não pôde conciliar o sono. Volvia-se e revolvía-se no leito, fechava os olhos e escondia a cabeça no travesseiro... Debalde... Era sempre aquela ideia a afugentar-lhe o sono; afigurava-se-lhe ainda ouvir aquela voz e o pobre velho principiava a imaginar-se enfeitado.

Fez o sinal da cruz, encomendou-se à Virgem e ao Pedro-Santo que, antes de ser papa, fora pescador; mas parece que desta vez tinha de ser ineficaz tão valiosa intercessão. Depois lembrava-se de Pedro, o bom do velho, e compreendia como ele devia andar perdido, quando a si próprio nem a reflexão nem o peso dos anos lhe foram preservativo contra a influência daquela endemoninhada tentadora.

Se, próximo à manhã, João Cabaça conseguiu dormir, foi de um sono tão agitado, tão cheio de sonhos febris e assustadores que, longe de o restaurar, o fatigou...

Quando apareceu diante dos da companhia, perguntaram-lhe de todos os lados se estava doente.

Esta pergunta desagradou ao velho.

— Doente! E que me acham vocês para o pensarem?

— Está amarelo, o tí' Cabaça, que nem uma cidra e tem cara de quem lidou com bruxas.

— Malditas, malditas! Só de as ouvir uma vez, já assim me puseram! — exclamou o velho, não podendo reprimir uma indignação.

— Quem! Quem? — perguntaram várias vozes com grande curiosidade.

João Cabaça, apenas respondeu:

— Ninguém, ninguém. Eu cá me entendo.

Vejam como deveria ter adquirido firmeza a crença de João Cabaça, quando juntara à experiência de estranhos a sua própria experiência.

Procurou Pedro e, desta vez, foi eloquente na prédica em que lhe pintou com as mais vivas cores os artifícios das sereias, e pediu-lhe que resistisse àquela tentação que

lhe viria a ser funesta. Que ele próprio, por a ter ouvido uma noite, se sentira incomodado e que, portanto, tomasse tento, que mais sujeita ao perigo andava a juventude do que a idade em que alvejam os cabelos e a fronte enrugada e verga sob a pressão dos anos.

Estas e outras muitas coisas dizia o bom velho, mas o seu companheiro escutava-as distraído e provavelmente sem ter sequer consciência do que elas significavam. A abstracção de Pedro aumentara de ponto a fazer julgar a todos que ele transpusera as raias da loucura.

Tudo fazia maquinalmente; se respondia às perguntas que lhe dirigiam era como se as não houvesse compreendido.

Esta distracção continuada, que o alheava ao trato usual dos seus companheiros, acabou por o isolar completamente, pois todos pareciam experimentar um certo afastamento por aquele carácter excessivamente concentrado e tão sujeito a aberrações que se assemelhavam a uma verdadeira loucura.

Apesar das recomendações de João Cabaça, já a noite veio encontrar a Pedro no seu posto de vigia.

A tarde estivera magnífica.

No firmamento límpido não se formara uma só dessas pequenas nuvens que são o primeiro assomo da cólera dos elementos. Reinava uma calma completa ainda no princípio da noite.

A atmosfera tépida e asfixiante não era agitada pela menor viração; as ondas, como que dominadas pela geral languidez da natureza, estendiam-se lentamente na praia com suave murmúrio.

E, contudo, no meio desta tranquilidade, Pedro sentia-se inquieto, como se alguma coisa pressentisse ameaçando-o dum perigo latente. As organizações impressionáveis são formadas por estas misteriosas percepções, que se não explicam.

Por um instinto, semelhante ao das aves que volteiam sobre as praias ainda quando a tempestade está longe, mas que elas pressentem já, não as iludem as aparências de bonança que o céu às vezes oferece; o que quer que seja de invisível lhes prognostica as tormentas.

Aonde se engana a experiência dos anos, realiza-a a voz profética destes inexplicáveis instintos.

Nesta noite Pedro sentia-se triste, e experimentava um secreto medo que a si próprio admirava.

Não sei o que descobria no cintilar das estrelas, que o assustava; a voz das vagas, na sua aparente suavidade, parecia-lhe murmurar ameaças surdas; o sorriso da natureza dir-se-ia um sorriso traiçoeiro; não lhe infundia confiança.

Passeava na praia, com os olhos fitos naquela imensa superfície líquida donde lhe tinham vindo os únicos momentos de felicidade que entrevira na vida. Mas comprimia-se-lhe desta vez o coração respirando a inflamada atmosfera daquela noite de sinistra influência.

Esta vez os temores que ressentia, na aparência mal fundados, pouco a pouco os principiou a justificar o novo aspecto que foram tomando o mar e o firmamento.

Levantou-se do sul uma viração, ao princípio branda, mas que adquiriu gradualmente mais intensidade, turbando a limpidez do céu com um sem-número de pequenas nuvens que coalhavam a imensa abóbada que se descobria dali. A forma, a disposição destas nuvens era dum agoiro pouco seguro para os olhos amestrados. Pedro surpreendeu toda a significação destes sintomas do céu e via confirmados por eles os seus vagos terrores de há pouco.

Temia já que o barco, cujo aparecimento ele tão ar-

dentemente esperava, não viesse aquela noite, e só com esta lembrança sentia-se desfalecer.

Era como se aquela esperança, se aquele gozo de momentos fosse o único laço que já agora o prendia à vida.

Pensar que lhe poderia faltar era para ele a origem de uma tristeza tão íntima, de uma tão absoluta desesperança, que na morte antevia o único alívio a esperar, depois de tão dolorosa desilusão.

Mas, no meio destas apreensões, puderam seus olhos descobrir, apesar da cerração cada vez mais densa que principiava a ocultar-lhe o mar, uma forma que lhe pareceu a do barco que aguardava com tanto fervor.

Trémulo de ansiedade indizível, se aproximou da beira-mar, fazendo excessivos esforços, para devassar o fundo impenetrável daquela escuridão.

O coração dizia-lhe que era aquela a aparição pela qual esperava, no seu palpar ansiado, e na misteriosa sensação que ressentia.

De repente, como respondendo à tácita interrogação daquela alma apaixonada, e impelindo-a a extremos de júbilo indefinível, a conhecida voz feminina principiou



cantando uma evocação à tempestade, que se poderia traduzir assim:

*«Vinde! Soprai furiosos,  
Ventos de tempestade!  
Ergue-te, majestade!  
Ergue-te, ó vasto mar!  
Passai, legiões de nuvens!  
Velai o céu de estrelas!  
Ó génio das procelas!  
Vem, quero-te saudar!*

*«A luz fatal do raio  
Guie o meu barco apenas!  
E rujam como hienas  
As vagas ao redor...  
Paiem, nos ar's fatídicos  
As aves de carnagem.  
E cave-se a voragem  
Com súbito fragor!*

*«Surjam do fundo abismo  
Os pavorosos vultos*

*Dos náufragos sepultos  
Dos mares na amplidão!  
Responda à voz das águas  
Frementes, agitadas,  
O silvo das rajadas,  
Os brados do trovão!*

*«Do arcanjo de extermínio  
O gládio chamejante  
Ostente-se radiante  
De ameaçadora luz!  
Da tempestade às fúrias  
Assistirei sorrindo,  
E bradarei: "Bem-vindo!"  
Ao génio que a conduz!*

*«Bem-vindo, sim, que eu sinto  
No seio, mais violenta,  
Uma cruel tormenta,  
A luta das paixões!  
Procuro o mar furioso*

*Como um seguro asilo!*  
*Arrosto-o, e não vacilo*  
*Das ondas aos baldões!*

Como se efectivamente a tempestade obedecesse a esta evocação singular, um violento tufão do sul veio encapelar as ondas já inquietas, encobrendo com a sua voz poderosa as últimas notas da canção.

O barco jogava nas ondas agitadas duma maneira assustadora. Os remadores faziam esforços poderosos para resistirem à violência das ondas e, pelos seus movimentos, denotavam a pouca tranquilidade de espírito que possuíam já.

Nos intervalos das rajadas, algumas palavras destacadas da tumultuosa discussão e ordens encontradas da manobra que se trocavam entre eles, vinham até aos ouvidos de Pedro, que principiava a inquietar-se pela sorte daquela a quem votara todos os seus pensamentos, a quem consagrara inteiros os tesouros de seus ardentes affectos.

— Temo-la connosco! — dizia um dos remadores. — E esta é de respeito!

— Quem o havia de dizer, com a noite que estava!

— Já me não agrada muito, a falar a verdade...

Neste ponto, nova rajada impediu que chegasse à praia o resto do diálogo.

Quando, por sua vez, serenou, era a voz da cantora a que se ouvia dizer:

— Hei-de ser eu ainda desta vez que lhes dê ânimo? Homens há tanto no mar e que ainda não têm confiança neste seu companheiro da juventude! Sosseguem, eu lhes asseguro que...

O fuzilar de um relâmpago, que iluminou com o clarão sinistro toda a extensa amplidão do mar, interrompeu estas palavras; e, instintivamente, a cantora levou as mãos aos olhos, exclamando:

— Jesus!

O ruído ensurdecedor de um altíssimo trovão acabou de desorientar os pescadores, em cujo manobrar inconsequente se reconhecia toda a turbação de ânimo que sentiam.

Pedro examinava com indescritível ansiedade o resultado daquela luta de súbito travada entre os elementos enfurecidos e a força humana. Palpitava-lhe violentamente o coração com a lembrança do perigo que aquele barco corria e, por vezes, uma força instintiva o aproximava das

ondas, como para voar em socorro daquela existência, à qual tão indissolúvelmente deixara ligar a sua.

— Não é possível vencer este mar! Faz-te à terra, Lourenço, que eu já mal posso segurar o remo!

— É melhor, é melhor. A terra!

— Vira! — bradaram os outros.

Quando, seguindo esta nova ordem de manobra, o barco se voltou para demandar a praia, um forte tufão de vento soprou tão de súbito e com tal violência que, apanhando de lado o barco, por pouco o virava. Um dos homens, que se achava desprevenido, não pôde resistir ao impulso e caiu ao mar.

— Santa Virgem! — bradou com voz angustiada a jovem italiana. — Acudam.

A este grito sucederam as exclamações dos remadores, que se esforçaram para salvar o seu companheiro. Este pôde voltar ao cimo da água a tempo de se encontrar ainda a pouca distância do barco e, firmando-se sobre a borda, saltou para dentro. A escuridão da noite era completa.

Pedro ouviu da praia o grito angustiado da cantora, o qual lhe penetrou até ao coração.

Ouviu as vozes confusas dos remadores e uma ideia terrível lhe passou pelo espírito. Pensou que aquela mulher desconhecida havia caído às ondas e lutava nesse momento com a violência do mar.

Pedro era um dos melhores nadadores do Furadouro. De pequeno fazia admirar os mais hábeis pela maneira como se confiava ao seio das ondas quando mais inquietas, e como que brincava com elas.

Não hesitou muito tempo; correu como um louco ao longo da praia e deitou-se ao mar, nadando na direcção do barco.

Guiava-o o som das vozes dos remadores no meio daquelas trevas que o rodeavam.

Mas, passados os primeiros momentos, Pedro sentiu que o abandonavam as forças em que, por hábito, confiara. Mal fundada esperança fora esta sua!

O pobre moço já não era aquele pescador robusto e vigoroso para quem um remo era um brinco de criança, e que fazia inveja aos mais alentados, por aquela força muscular que subjugava a violência das vagas; tinham-no alquebrado as vigílias contínuas e os extremos da paixão que lhe absorveram todas as faculdades daquela alma até

então virgem de afectos tão poderosos. Agora sentia-se desfalecer. A meio caminho da praia ao barco que procurava, já os movimentos lhe eram dificultosos e um certo atordoamento de cabeça lhe impedia regularizá-los.

Já o animava apenas aquela força instintiva que nos estimula em situações desesperadas.

De quando em quando deixava-se tomar dum desalento tão completo que a custo sufocava a tentação de se deixar vencer pela força da corrente e baixar, sem esforços de resistência, ao tûmulo que se lhe cavava aos pés. Depois a voz do instinto reanimava a energia de lutar, quando ele já deixava pender exausto os músculos e se sentia sucumbir.

Renovava-se então aquele combate singular, terrível e solene, cujos resultados não podiam ser duvidosos.

O mar parecia deleitar-se em atormentar a sua vítima antes de a devorar. Uma vaga impetuosa anulava em um momento os esforços de muitos; depois abrandava-se, como deixando-se vencer, para cedo redobrar de violência e subjugá-lo.

A situação do infeliz era desesperada.

No seu espírito principiavam a suceder-se, em confuso

tropel, cujo rápido voltear lhe fazia sentir uma verdadeira vertigem, mil imagens variadas, origem de quantas ideias nos últimos tempos lhe haviam preocupado o pensamento.

Por momentos esquecia-se já do fim a que tendiam todos os esforços extenuantes que estava empregando, perdia a consciência da sua situação precária, duvidava da iminência do perigo, parecia-lhe um sonho tudo o que estava passando por ele e como se esforçava por acordar. Mas cedo aparecia-lhe a realidade mais amarga ainda, torturava-lhe o coração um paroxismo de desespero.

Vinham-lhe as saudades dum passado que havia esquecido, surgiam-lhe os terrores dum futuro que ia devassar.

Dúvidas, superstições, preconceitos, tudo lhe assaltava a consciência e o fazia delirar. Depois a lembrança daquela a cuja salvação sacrificara a sua existência surgia-lhe de repente como um clarão nas trevas que o cercavam e por instantes lhe comunicava uma energia improfícua. Era um lidar inútil, aquele. Já sem consciência dos rumores, não vendo, não ouvindo nada que lhe indicasse a direção na qual devia fazer convergir os seus esforços, lutava por instinto; mas o espírito alucinado já não presidia à lu-



ta. Os membros enregelados, entorpecidos, exaustos, não lhe permitiam uma muito longa resistência.

Subitamente um relâmpago prolongado iluminou o vasto teatro desta cena terrível. Aos olhos de Pedro, já meio velados pela angústia, mostrou-se bem claro e próximo o barco que tão energicamente demandava e sentada nele a mulher por quem votava em sacrifícios a própria vida, depois de lhe ter tributado todos os tesouros da sua alma.

Um novo relâmpago reflectiu a sua luz fulgurante nas feições simpaticamente belas daquela mulher extraordinária.

Este resultado reanimou por instantes as forças já abatidas do naufrago. Pela primeira vez lhe era dado contemplar o rosto daquela por quem concebeu uma tão singular paixão. Essa vista fascinou-o!

Com uma energia quase sobre-humana, segurou-se à borda do barco, quando este se abaixava obedecendo à ondulação das vagas, e, com os olhos espantados, fitou aquela mulher, cuja voz o enfeitiçava e, como a da sereia, parecia arrastá-lo a uma inevitável perdição.

Ela também o viu.

Batia-lhe em cheio no rosto, desfigurado singularmen-

te pelos affectos que então se combatiam tumultuosos e contrários naquele peito, um novo clarão de relâmpago.

A cantora deu um grito ao descobrir aquella inesperada aparição. Por um instinto de compaixão estendeu as mãos ao náufrago.

O barco, neste mesmo instante, executou um movimento: as forças de Pedro abandonaram-no; quebraram-lhas de todo a violência da última comoção que recebeu. Soltou as mãos do bordo do barco, o qual lhe passou por cima do corpo.

— Esperem! Esperem! — bradou angustiava a cantora. — Um homem no mar!

Os pescadores pararam e olharam uns para os outros, como contando-se.

— Estamos todos — responderam depois. — A *Madama* enganou-se.

— Vi-o! Não foi ilusão! Segurou-se à borda do barco, agora mesmo! Valham-lhe! Tenham piedade dele!

Os pescadores estenderam as vistas por toda a extensão do mar, que os relâmpagos iluminavam por intervalos, mas não descobriram vestígios do náufrago. Demais eles tinham pressa de se pôr a salvo e não depositavam dema-

siada confiança no sossego de espírito da cantora para supor que não fosse possível uma ilusão da sua parte.

Passado tempo, o maior furor da tempestade abrandara, os pescadores puderam vencer a resistência do mar e, algumas horas depois, desembarcavam na praia de Espinho, jurando nunca mais tornarem a meter-se ao mar numa noite como aquela por dinheiro nenhum deste mundo.

O ânimo da cantora não era desta vez contrário a iguais disposições de espírito.

Impressionara-a demasiado aquela figura do náufrago que entrevira e que ela não acreditava haver sido alucinação dos sentidos; impressionara-a, sobretudo, a estranha expressão daquela fisionomia descomposta, onde parecia reflectir-se, entre os tormentos da agonia, um certo reflexo de inexplicável voluptuosidade.

Era já dia claro quando as companhas se reuniram na praia, preparando-se para se fazerem ao mar.

O tempo melhorara. E do aspecto do céu tiravam os entendidos prognósticos favoráveis.

Um grupo de pescadores no qual se contava o nosso conhecido João Cabaça, caminhava, conversando, em di-

recção à beira-mar. A trovoadá da véspera era o assunto discutido.

— E então que te parece a trovoadá desta noite? — perguntava um dos mais idosos.

— S. Jerónimo! Alguns trovões estalaram mesmo em cima dos palheiros. Julguei que não ficaria um só de pé!

— Vinha puxada do sul com uma força!

— Mas deixa lá! Era precisa para limpar os ares. Olha que manhã está hoje! Não há-de ser pequena a safra.

— É precisa, é precisa. Olha, o pior é dos que ela apanhou no mar — disse João Cabaça, meneando a cabeça.

— Lá isso é verdade! Mas que remédio!

— Andem mais depressa, rapazes! Olhai que os barcos estão prontos. Não vêm?

— Mas que diabo fazem aqueles ali, ao pé do mar?

— Para que será que eles olham assim?

A curiosidade apressou o passo aos pescadores, que correram em direcção ao ponto da costa onde muitos dos da companhia já estavam reunidos.

— Que é? Que é? — perguntavam uns aos outros, amontoando-se, comprimindo-se, empurrando-se, sem obterem a explicação que desejavam.

— Aquilo é afogado decerto... — dizia um pescador novo, depois de aplicar a vista por algum tempo a um objecto que boiava nas águas.

Estas palavras excitaram a curiosidade de João Cabaça, que se aproximou do que as dissera, com não disfarçada curiosidade.

— Mostra-me o que tu dizes que é um afogado, Luís do Moleiro...

JÚLIO DINIS  
O CANTO DA SEREIA

A invisível censura parece aproximar-se;

60

apoiado



patrocinado

